

Corpo, vida nua e dominação biopolítica na sociedade do espetáculo¹

Bruno Santos Barros Leal²
Marília Romero Campos³
Grace Troccoli Vitorino⁴
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

Resumo

O presente artigo tem como objetivo investigar, através da análise da obra literária *Os velhos também querem viver*, de Gonçalo M. Tavares, as manifestações da dominação biopolítica sobre o corpo, no contexto da sociedade do espetáculo, ressaltando aspectos relativos à publicidade e os ideais de consumo. No que diz respeito à metodologia, utilizou-se a análise empírico-documental de conteúdo. Como resultados parciais pôde-se constatar que a obra em questão aponta para o fato de que o corpo se transformou em objeto de consumo e de administração biopolítica, subordinando a vida a um controle e uma violência sem limites. À guisa de conclusão, foi possível constatar que o sujeito só estará realmente vivo quando se engajar em uma existência política que o proteja e o situe além das ameaças da vida nua.

Palavras-chave: biopolítica, corpo, estado de exceção, sociedade do espetáculo, vida nua.

Introdução

Definir o corpo é uma tarefa desafiadora e delicada, pois, defini-lo é tentar pôr em palavras o que seria a própria subjetividade: “Eu sou corpo, por inteiro corpo e nada mais” (NIETZSCHE, 2000). O processo de subjetivação se dá através da inserção do sujeito na linguagem, quando o organismo se faz corpo, ordenado por um registro que não é exclusivamente biológico. Daí decorre um outro aspecto a ser considerado quando se pretende formular uma definição acerca do corpo: o corpo é uma construção cultural, não natural, e as representações que ele vai assumindo ao longo do tempo afetam profundamente a existência do sujeito (CAMPOS & FERRAZ, 2009). Constituído por séries de regimes que o produzem, o corpo: “ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente” (FOUCAULT, 1984, p. 27).

Atualmente, assistimos a uma ascese do corpo, regida por dois preceitos: o

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Graduando do curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, email: brunosbl@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza - UNIFOR e Pesquisadora na área de Psicanálise, Arte, Cultura de Consumo e Subjetivação, email: mariliacampos@unifor.br.

⁴ Co-autora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza - UNIFOR e Pesquisadora na área de Leitura, Arte, Família, Educação e Formação Docente, email: gracet@unifor.br

tecnológico-científico e o estético, que dominam e modelam a vida. O controle técnico-científico se expressa através da apropriação da vida em seus aspectos mais íntimos, como o nascimento, o sofrimento, o adoecimento e a morte. Com o advento da medicalização, o campo orgânico foi hipervalorizado e passou a ser entendido como uma entidade estritamente biológica. Como se fosse o bombeamento de sangue, e não o desejo, que orienta e dá sentido ao corpo. A tecnociência atual, segundo Preciado (2008), no centro do domínio farmacopornográfico, caracteriza-se pela transfiguração do sofrimento psíquico na materialidade do Prozac, a sexualidade masculina em testosterona, e a excitação do homem em Viagra. É o que Preciado chama de autoridade material sobre o subjetivo. “O corpo é roubado, a vida está em outro lugar (UNO, 2014, p.39). Pode-se pensar que a própria vida, suas vicissitudes e energias libidinais são postas para trabalhar e a se submeter as redes do sistema de consumo atual. Essa forma de controle, exercida pela sociedade contemporânea, exclui a perspectiva psíquica do corpo, empobrecendo a forma como o sujeito experiencia a vida (BIRMAN, 2000).

O controle estético, por sua vez, manifesta-se através das mais diversas formas de intervenção e manipulação sofridas pelo corpo por parte das instituições regidas pela moral do espetáculo. Na sociedade do espetáculo, as relações que o sujeito estabelece com os seus pares são mediadas por imagens. (DEBORD, 1997). Deslocado da experiência vivida, o sujeito tem acesso a imagens espetaculares dessa experiência que, ilusoriamente, restauram a sua unidade com o mundo. Nesse contexto, a imagem e o consumo ocupam um lugar de destaque e fazem do corpo o mais atraente e rentável de todos os objetos: “temos só um corpo e é preciso salvá-lo – eis o que nos recorda incansavelmente a publicidade” (BAUDRILLARD, 2010, p. 168). O corpo torna-se um objeto privilegiado de consumo e, ao mesmo tempo, um capital – um instrumento de poder que, quando adequado a um estilo de vida e a um conjunto de normas de conduta prescritas pela moral da boa forma, é gratificado com o reconhecimento e a pertença a um grupo de valor superior (GOLDENBERG, 2007). Vive-se hoje a cultura do narcisismo, na qual cada um “vale por aquilo que parece ser, mediante imagens produzidas para se apresentar na cena social, lambuzado pela brilhantina eletrônica” (BIRMAN, 2000, p.167). No imaginário da sociedade do espetáculo apenas os sentimentos que sustentam o discurso midiático é que encontram espaço para serem valorizados. Todo afeto vazio de “potência de mídia” não possui reconhecimento, não possui realce. As aflições comuns da vida, as perdas, as fases de recolhimento, de abatimento, de desalento frente ao presente-futuro não encontram

lugar, não são devidamente notadas e respeitadas (KEHL, 2005, p. 110). Essa afetação do corpo, através de seu controle minucioso, toca nas esferas mais profundas da ideia de mundo para o sujeito. “Chamados a ocupar o lugar do bebê-competente, da criança gênio, do homem-máquina ou da mulher modelo, caminhamos perplexos em direção ao novo século” (BERNARDINO & LICHT, 1999, p. 5).

Se “é no corpo que tudo se passa” (FOUCAULT, 1996), então é nele que o poder e a ideologia se expressam. O controle social impera sobre o corpo e sua dominação não se faz somente através da consciência, mas é a carne que faz verdadeiro canal dessa dominação. Se outrora tratava-se de resguardar a soberania de um Estado, agora trata-se de preservar a sobrevivência e bem-estar de uma população. Ocorre a modificação do discurso de fazer morrer e deixar viver para fazer viver e deixar morrer (FOUCAULT, 1999, p. 125), o poder agora se exerce de maneira positiva, gerindo a vida, muito mais do que proclamando a morte. O biopoder produz uma “administração dos corpos” através de uma dimensão política subordinada a um interesse maior que é o de modelar o sujeito a uma lógica de mercado e consumo (AGAMBEN, 2002).

O campo de guerra é o modelo biopolítico exemplar. É onde se tem a vida em seu estado mais precária, a vida nua, a vida sem nenhum intermédio, sem nenhuma proteção (PELBART, 2003, p. 64). A experiência de guerra impôs uma violência limite sobre o corpo, fazendo como se ele não existisse (TAVARES, 2013). Foram violadas todas as construções de paz na guerra e as mais elevadas elaborações éticas foram rasgadas em nome de uma fúria cega. A humanidade foi irremediavelmente ferida e todas as tentativas de apaziguamento se resumiram a frágeis contornos daquilo que não pode ser esquecido e nem apagado (FREUD, 2010, p. 210). O resultado disso, nas palavras de Benjamin (2002, p. 124) foi no retorno de soldados mudos, pois, “nunca houve experiência mais radicalmente desmentida que a experiência estratégica pela guerra das trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes”. No campo de concentração, durante a Segunda Guerra Mundial, alguns judeus recebiam um nome específico, o de muçulmano, e esse nome faz estreito paralelo com forma como se tece as relações com a vida na sociedade atual.

O muçulmano era o detido, que havia desistido de viver. Indiferente a tudo que o rodeava, exausto demais para compreender aquilo que o esperava em breve, a saber, a morte. Essa vida não humana já estava excessivamente esvaziada para que pudesse sequer sofrer. Por que muçulmano, já que se tratava sobretudo de judeus? Porque o muçulmano

entregava sua vida ao destino conforme uma imagem simplória e totalmente equivocada sobre um suposto fatalismo islâmico (PELBART, 2007).

É a vida reduzida ao mínimo, uma vida nua. E essa concepção não faz referência apenas à realidade dos campos de concentração, mas a todos nós. O estado de exceção em que se vive é, na verdade, regra geral. “Vida besta é esse rebaixamento global da existência, é essa depreciação da vida, é sua redução a vida nua, a sobrevida, é esse o estado último do niilismo contemporâneo” (PELBART, 2007). Na tentativa de domesticar os corpos, alavancando as potencialidades do biológico, o biopoder acaba que por vampirizar e exaurir o sujeito, produzindo, assim, uma sobrevida: “a existência de cyber-zumbis, pastando mansamente entre serviços e mercadorias” (PELBART, 2007).

Metodologia

O presente artigo pretende, através da análise da obra *Os velhos também querem viver*, de Gonçalo M. Tavares, investigar a relação entre o corpo, o biopoder e a vida nua no estado de exceção que marca a sociedade contemporânea. *Os velhos também querem viver*, publicado em 2014, pela editora Caminho, recria a tragédia grega *Alceste*, de Eurípedes. Para a contextualização do tema, foi realizada uma revisão bibliográfica dos temas propostos. E, em respeito à narrativa em questão e as suas múltiplas possibilidades de sentido, buscou-se preservar o caráter aberto da obra e estabelecer relações entre os significados que são “estruturáveis, mas nunca definitivamente estruturado” (ECO, 1985, p. 47), propondo assim, como leitor, uma linha de debate entre os desígnios da obra e os limites possíveis de sua interpretação. Através desse trabalho, foi possível um aprofundamento da ideia do texto para além da letra e do estético, possibilitando deste modo, uma articulação entre a literatura e os campos filosófico, sociológico e psicanalítico.

Análise da obra

Alceste, tragédia de Eurípedes, datada de 438 A.C., retrata a história de Admeto, rei de Feras, que se livra da morte graças ao sacrifício de sua esposa Alceste, que escolhe morrer em seu lugar, desde que, em troca, nunca seja esquecida ou substituída por ninguém. O desfecho da tragédia se dá quando Hércules, na jornada de seu 8º Trabalho, intercede e consegue trazer Alceste de volta.

O texto de Gonçalo Tavares, reconta a tragédia levantando uma reflexão sobre questões contemporâneas, a partir de um cenário de guerra. Os personagens são preservados, mas a realidade é transposta para Saravejo: “De 5 de abril de 1992 a 29 de

fevereiro de 1996, Sarajevo esteve cercada pelo exército sérvio; muitos fugiram; 20.000 mortos, 50.000 feridos; a população da cidade desceu para metade. E metade é muito; é muitíssimo” (TAVARES, 2014, p.7). Sarajevo, a capital da Bósnia, anos antes da virada do século XX, foi palco de um intenso conflito. Após a Bósnia e Herzegovina anunciarem sua independência da República Socialista Federativa da Iugoslávia, os sérvios, cuja intenção era formar um novo Estado da República Srpsk, que englobaria parcela do território da Bósnia, cercaram Sarajevo com uma força de cerca de 18.000 homens. É nesse cenário que Gonçalo Tavares faz acontecer a sua história: “Um sniper atingiu Admeto; Admeto está a morrer. Sabe que poderá ser salvo apenas se alguém morrer em sua vez; todos recusam exceto a mulher, Alceste. Alceste morrerá para que Admeto possa ficar vivo. É esta a história” (TAVARES, 2014, p. 7).

Não é por acaso que Gonçalo M. Tavares situa sua história no contexto da guerra de Sarajevo. Em tempos onde o fazer viver é exercido a todo custo, pode-se exigir a morte em detrimento dessa imposição a vida. “É quando mais se fala em defesa da vida que ocorrem as guerras mais abomináveis e genocidas – o poder da morte se exerce como um complemento de um poder que se exerce sobre a vida de uma maneira positiva” (PELBART, 2003, p. 56). O estado de exceção em que se vive é, na verdade, regra geral. O sujeito contemporâneo, por via de regras encontra-se subordinado a um controle e uma violência sem limites, que consiste na transformação da totalidade da vida em objeto de administração do Estado - uma estatização do biológico. Durante um tempo, a preocupação do Estado restringiu-se ao gerenciamento do espaço territorial. A partir da Modernidade, a vida tornou-se uma preocupação central do poder disciplinar, que tinha como intuito docilizar os corpos e formar cidadãos produtivos e adestrados. Produz-se, a partir daí uma espécie de animalização do homem posta em prática através das mais sofisticadas técnicas de controle, capazes, inclusive, de proteger a vida e autorizar o seu holocausto (AGAMBEN, 2002).

O regime de soberania é a ação de fazer matar e deixar viver, é a produção de sobreviventes. Mas, afinal, o que é o soberano propriamente falando? Soberano é “aquele que decide sobre o estado de exceção” (AGAMBEN, 2004, p. 11), sendo o estado de exceção o próprio ponto de desequilíbrio entre o jurídico e o político, entre a democracia e o absolutismo. É o espaço entre esses campos, onde a exceção é realizada normalmente, com amparo legal, de maneira segura. É a redução da vida ao mínimo, à vida nua. Agamben situa que essa condição de vida nua sempre foi a conjuntura oculta do exercício do

soberano, tornou-se regra geral, e é isso que merece ser refletido (PELBART, 2003, p. 61). “Morta e viva – responde a dedicada serva – e também o inverso. Está tão pouco viva que parece morta; mas está ainda tão pouco morta que parece viva” (TAVARES, 2014, p. 21). Esse estado de esgotamento do corpo e de fadiga da existência é a realidade que o poder soberano impõe a todos; é a realidade do muçulmano: o campo é a materialização do estado de exceção cuja existência se generaliza na modernidade, é a própria realidade contemporânea.

Por mais que se aproximem as duas narrativas e os personagens permaneçam, a tragédia de Eurípedes é focada no sacrifício de Alceste, enquanto a de Tavares é centralizada na recusa do pai de Admeto em morrer em seu lugar. Um pai, já velho, contrariando toda a aparente lógica – “e por isso injusto, pensa Admeto, vai contra tudo que é a lógica da causa e do efeito” (TAVARES, 2014, p. 52) -, nega-se a se sacrificar para que seu filho jovem permaneça vivo. “Os velhos, note-se, sempre pareceram formas humanas de, em plena vida, se publicitar a morte; formas experientes de anunciar algo que se aproxima por baixo, por cima, por todos os lados” (TAVARES, 2014, p. 52). Essa é a questão fundamental da obra *Os velhos também querem viver* que, como o próprio título revela, aborda “o conflito entre as gerações mais novas e as mais velhas” (TAVARES, 2015)⁵, pautado por uma forma de administração da vida que produz a hipervalorização da juventude e a desvalorização do idoso. O que o autor desenvolve em sua obra é uma crítica em torno da crença de que a vida de um jovem vale mais do que a de um velho, alertando-nos para o fato de que um ser humano é igual a outro ser humano, uma vida é igual a outra e que, “enquanto a vontade de viver for igual, um será sempre igual a um.” (TAVARES, 2015).

Que a vida não é, diz Feres, um cálculo simples, numérico e quantitativo. Se os novos gostam de viver, os velhos também. E por que razão a vida de um velho valeria menos do que a vida de um alguém que agora começa? Que cálculos absurdos são esses? Murmura. E por que não o contrário? Por que não proteger a sabedoria de muitos anos em vez da excitação do jovem que ainda quer conhecer? Sou velho, diz Feres, e por isso quero viver! E tu, Admeto, és novo e por isso queres viver! Pois bem: os dois queremos o mesmo, apesar da diferença de idade. Não podes pensar que um velho é metade de um homem; um velho como eu é pelo menos dois homens, pela experiência, pela sabedoria (TAVARES, 2014, p. 54).

⁵ Palestra apresentada na FNCA de Portugal, em janeiro de 2015. Link da gravação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9axM3s7jAGs>

Desde tempos imemoriais a experiência sempre fora transmitida dos mais velhos para os mais jovens. A sociedade contemporânea, todavia, despreza a sabedoria, o peso dos anos vividos e as marcas que o tempo inscreve em nosso corpo, valorizando o sujeito jovem, esteticamente belo e com energia para produzir e consumir. O compartilhamento da experiência entre as gerações caiu em desuso. “Ficamos pobres. Abandonamos, uma a uma todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda o ‘atual’” (BENJAMIN, 2002, p. 128). Em favor de um passado desvalorizado, o campo de experiência caiu em descrédito.

Quem encontrará ainda pessoas que saibam narrar? Que moribundos dizem palavras hoje tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje por um provérbio oportuno? Quem tentará sequer lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 2002, p. 123).

A aceleração, muito mais do que a validade do tempo, é o que interessa. Os velhos, nessa perspectiva, são objetos fora do sistema de espetáculo, ausentes de aspecto midiático: caracterizados como “consumidores falhos”, verdadeiros objetos fora do lugar, estorvos ao complexo jogo de realização de desejo e manutenção da sociedade de consumo (BAUMAN, 1998). “Descartando o passado, em nome de uma eterna juventude, produz-se um vazio difícil de suportar” (KEHL, 2004). Através do biopoder, dita-se quem tem o direito ou não de viver, decidindo que vida merece ser vivida. Costa (2004, p. 190), atesta isso:

O cuidado de si, antes voltado para o desenvolvimento da alma, dos sentimentos ou das qualidades morais, dirige-se agora para a longevidade, a saúde, a beleza, a boa forma. Inventou-se um novo modelo de identidade, a bio-identidade, e uma nova forma de preocupação consigo, a bioascese, nos quais a *fitness* é a suprema virtude. Ser jovem, saudável, longo e atento à forma física tornou-se a regra científica que aprova ou condena outras aspirações à felicidade.

A velhice tornou-se objeto de inúmeros discursos apoiados na ideia da “qualidade de vida” e da “melhor idade”. Esses discursos engendram práticas ordenadas por um modelo ideal de sujeito inspirado na lógica da alta performance. Esse modelo produz uma busca desenfreada por uma melhor forma física, um prolongamento da juventude e uma maior longevidade. A velhice, antes tida como momento de reflexão sobre a vida ou de preparação para a morte, tornou-se obsoleta e, no presente, para evitar a morte simbólica busca se reatualizar através da imagem publicitária da terceira idade, que traduz uma

concepção de velho adequada à lógica do capitalismo: “um velho que se reinventa e tenta manter-se jovem a todo custo” (FONSECA & LOPES, 2011). A representação popular dos velhos como guardiões do passado, detentores de bons conselhos e lembranças sábias, diluiu-se na sociedade capitalista sem memória. Desapropriaram o lugar da velhice, substituindo esse espaço pela celebração hedonista da juventude. “Que é ser velho? Pergunta você. E responde: em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem” (BOSI, 1994, p. 18).

Considerações finais

O corpo é uma construção cultural, não natural, e as imagens que ele vai assumindo ao longo do tempo afetam profundamente a existência do sujeito. A imagem do corpo é o que fundamenta o Eu e “se essa certeza (o meu corpo pertence-me) é abalada, tudo (o mundo, o meu mundo) é abalado” (TAVARES, 2013, p.183). “É no corpo que tudo se passa” (FOUCAULT, 1996) e é sobre ele que impera o controle social, visando ajustá-lo a uma lógica de mercado e consumo. Atualmente, na sociedade do espetáculo assistimos a uma ascensão do corpo, regida pelos preceitos tecnológicos-científicos e estéticos, que dominam e modelam a vida, afetando as esferas mais profundas da ideia de mundo para o sujeito. Aspira-se uma existência asséptica, indolor, feliz, produtiva e prolongada ao máximo.

Os velhos também querem viver, de Gonçalo M. Tavares, reconta *Alceste*, a tragédia de Eurípedes, deslocando-a para o cenário de guerra de Sarajevo e apontando para o fato de que o estado de emergência vivido na realidade da guerra não é uma exceção, mas a regra a qual todos estão submetidos. A totalidade da vida transformou-se em objeto de administração do Estado e o sujeito encontra-se como o muçulmano, reduzido a uma vida nua, ao estado de sobrevivente, subordinado a um controle e uma violência sem limites. “O corpo é aquele que não aguenta mais” (LAPOUJADE, 2002). Enquanto a tragédia de Eurípedes é focada no sacrifício de Alceste, a de Tavares é centralizada na recusa do pai de Admeto em morrer em seu lugar. *Os velhos também querem viver* aborda o conflito entre gerações, por uma forma de administração da vida que produz a hipervalorização da juventude e a desvalorização do idoso.

O protagonismo da juventude no cenário capitalista e midiático, é um traço marcante da biopolítica no contexto da sociedade do espetáculo. Capitalização do corpo, bioacresce da carne, medicalização das esferas mais substanciais da existência e as

representações detalhadas dos discursos científicos seriam expressões do domínio da vida nua. O ideal de juventude sadia e frenética não oferece espaço para o velho, para as rugas e para a lentidão.

Para todo movimento de expropriação da vida, através do biopoder, pode-se contrapor a biopotência, a potência da vida. A própria vida em seu estado último, revela, no processo mesmo de sua expropriação, a sua potência indomável. A biopotência é o que põe em questão todo o sistema de controle da vida nua. O corpo no contexto de dominação biopolítico parece subordinado a um certo estado de impotência, mas “é aqui que se precisa pensar nessa virada. É dessa impotência que ele extrai uma potência superior” (PELBART, 2007). É o que Guattari (2012) denomina de autopoiese, que é a ação de levar a contrapelo essa violência e dominação a qual o corpo é submetido e responder com uma potência de formação subjetiva. Tavares, por meio de sua obra, nos conduz à questão: Quem está realmente vivo hoje? O sujeito só estará realmente vivo quando se engajar em uma existência política que o proteja e situe além das ameaças da vida nua. Uma existência na qual uma vida possa ser igual a outra e que, “enquanto a vontade de viver for igual, um será sempre igual a um” (TAVARES, 2015).

Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. **Homo Sacer**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002

AGAMBEN, G. **Estado de Exceção**. 2 edição. São Paulo: Boitempo, 2004.

BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BAUMAN, Z. **O mal-estar na pós modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

BERNARDINO, L.; LICHT, R. **Homem e a Tecnologia**. Associação Psicanalítica, Curitiba, v. 3, n. 3, p.6-6, ago. 1999.

BIRMAN, J. **Mal-Estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BOSI, E. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMPOS, M. & FERRAZ, S. **Corpo e comunicação: a representação do corpo veiculada pela Revista Boa Forma**. INTERCOM. Curitiba, 2009.

COSTA, J. F. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

- DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GOLDENBERG, M. **O corpo como capital**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2007.
- GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.
- ECO, U. **Pós-escrito a O nome da Rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 2ª edição, São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade, volume 1**. 13ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FONSECA, L. & LOPES, K. São Cristovão. **Entre Velhos e Outros nem tão Idosos Assim: Cuidado de Si em Tempos de Biopoder**. São Cristovão: Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia,, 2011. 7 p
- FREUD, S. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- KEHL, M. R. **O eu é o corpo**. In: COCCHIARALE, F. & MATESCO, V. (curadoria). **Corpo**. São Paulo: Itáu Cultural, 2005.
- KEHL, M. R. **A Juventude como Sintoma da Cultura**. In: Novaes, Regina & Vannuchi, Paulo (Org.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- LAPOUJADE, D. **Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo**, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra – um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- PELBART, P. **Biopolítica**. São Paulo: Usp, 2007.
- PELBART, P. **Vida capital**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- PRECIADO, B. **Testo Yonqui**. Madrid: Espasa, 2008.
- TAVARES, M. G. **Atlas do Corpo e da Imaginação: teorias, fragmentos e imagens**. Alfragide: Caminho, 2013.
- TAVARES, M. G. **Os Velhos também querem viver**. Rio de Janeiro: Foz, 2014.
- TAVARES, M. G. **Os velhos também querem viver** (palestra apresentada na FNAC de Portugal). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9axM3s7jAGs>>. Acesso em: 20 jan. 2015.
- UNO, K. **A gênese de um corpo desconhecido**. São Paulo: N-1, 2014.